

Detalhes impressionam os senadores

De Brasília

Em depoimento ao Conselho de Ética do Senado, a ex-diretora do Prodasen, Regina Célia Borges, aumentou o envolvimento dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PSDB-DF) no escândalo de violação do painel de votações do Senado. Muito nervosa e chorando diversas vezes, Regina Borges afirmou que comandou a operação de fraude no painel obedecendo a uma ordem dada por Arruda em nome de Antonio Carlos.

Regina revelou que teve diversas conversas — pessoais e por telefone — com Arruda e ACM — para tratar do assunto e para revelar sua grande preocupação com o avanço das investigações sobre a violação do painel. Numa das conversas com Arruda, Regina ouviu do líder do governo a orientação de continuar mantendo segredo sobre a operação. “Ele me disse que isso deveria ficar sigiloso até sob tortura”, afirmou provocando grande reação entre os presentes.

Regina também informou ter tratado do problema diretamente com Antonio Carlos, num encontro promovido na casa de Isabel Flecha de Lima, assessora do senador baiano. O tom emocionado do depoimento de Regina causou impacto entre os senadores. Até mesmo integrantes da cúpula do PFL admitiram a força do depoimento de ontem. “Sou sincero. Mas tem que haver o contraditório”, concordou o senador José Agripino Maia (PFL-RN). “Já tínhamos lido o seu depoimento. Mas assim, cara a cara, foi muito forte”, acrescentou o líder do bloco de oposição, José Eduardo Dutra (PT-SE). “Estou impressionado com sua cora-

gem”, disse o tucano Antero Paes e Barros (MT).

Regina lembrou que a violação do painel foi ordenada por Arruda numa conversa realizada no apartamento do senador, na véspera da votação secreta em plenário do processo de cassação do senador Luiz Estevão (PMDB-DF). Arruda fez o pedido e disse que a lista contendo a relação abrindo o sigilo de cada voto deveria ser entregue ao senador Antonio Carlos. “Eu não tive forças para dizer não. Disse apenas que não havia maneira de fazer isso e ele me disse que havia. Se eu pudesse, nasceria de novo para não cometer esse erro. Mas já fiz e sou cúmplice do que aconteceu”, explicou a ex-diretora.

Durante toda a noite, o processo de violação do painel foi montado e executado pelo marido de Regina, Ivar Alves Ferreira, e pelos técnicos Heitor Ledur e outro de nome Gazzola, da Kopp, empresa responsável pelo software de funcionamento do painel do Senado. Para o técnico da Kopp foi dito que o expediente seria usado como teste de segurança para a votação. A fraude foi executada por Heitor Ledur poucas horas antes da sessão e uma lista com os votos secretos de cada senador foi impressa, sem qualquer papel timbrado. O disquete que deu origem à cópia impressa foi apagado por Ivar.

Regina disse que Arruda ainda lhe telefonou durante o dia para cobrar a lista com a votação. Segundo a ex-diretora, a primeira surpresa veio quando soube que deveria entregar a lista para um assessor de Arruda, Domingos Lamoglia, e não para ACM. Regina disse, no entanto, que o senador baiano lhe telefonou para agradecer pelo serviço. “Ele disse algo do tipo, valeu. Não foi exata-



Regina Borges: “Desde então, tenho enfrentado todo esse sofrimento, mas eu errei e só posso contar a verdade”

mente esse termo, mas algo assim”, reforçou Regina.

Alguns meses depois da votação, ocorrida em 28 de junho, começaram a sair notícias sobre a possibilidade de vazamento da votação secreta. “A partir desse momento, começou o meu calvário. E meu limite era o de proteger o pessoal do Prodasen que participou da operação. Eu jamais deixaria eles sozinhos”, garantiu.

Regina disse que manteve diversos contatos telefônicos e pessoais depois disso com Arruda e seu assessor Domingos. A ex-diretora disse que chegou a perceber num desses encontros que seria abandonada pelo senador com a responsabilidade pela fraude. “Comentei até com o Domingos. Eu não sou idiota não. Eu não vou ficar sozinha nisso não”, lembrou. Regina ainda disse que nesse encontro, realizado na casa do senador, acredita que Domingos e Arruda poderiam pensar que ela estava tentando gravar a conversa por-

que estava carregando uma bolsa. Foi levada da sala para um escritório e Arruda passou a fazer as perguntas apenas por escrito, enquanto ela respondia. “Ele me disse que isso era uma mania de engenheiro. Eu respondi que era mistura de engenheiro com detetive. Aí, a conversa foi interrompida por um telefonema e eu levei a bolsa para a sala para que não pensassem que estava gravando tudo”, completou.

A fraude foi definitivamente descoberta quando a comissão especial criada para investigar a violação do painel chamou Regina para depor. Ela foi informada que Heitor Ledur já tinha deposto e tinha confessado a violação. A partir daí, Regina diz que resolveu contar toda a história. “Se o Heitor não tivesse falado, eu nãoalaria”, admitiu. “O custobenefício era muito alto”. Regina Borges informou ao Conselho de Ética que comunicou a Domingos sobre sua confissão. Foi repreendida pelo assessor de

Arruda e ouviu dele que o senador iria negar toda a versão apresentada. “Desde então, tenho enfrentado todo esse sofrimento, mas eu errei e só posso contar a verdade”, garantiu.

O senador Romeu Tuma (PFL-SP), corregedor-geral do Senado, quer agora promover uma aca-reação entre Regina Célia, Arruda e Antonio Carlos. “Será a melhor maneira de saber quem está falando a verdade”, disse. Nem Arruda nem ACM estiveram presentes ao depoimento, preferindo acompanhar tudo pela televisão. Ontem, Arruda afirmou que era “tudo armação”, embora não soubesse contra quem. ACM também repetiu que não participou de nenhuma fraude no painel. Alguns dos seus principais aliados acompanharam todo o depoimento de Regina dentro do plenário — os senadores Waldeck Ornêlas (PFL-BA), Paulo Souto (PFL-BA) e o deputado Paulo Magalhães (PFL-BA), sobrinho de ACM. (RA e MdM)